

MAS afinal, por que não reatamos relações com a Rússia? Cada dia que passa, desde a briga de nosso prezado Soares de Pina, essa pergunta fica mais difícil de responder. Brasileiros — comunistas ou não — visitam com frequência a Rússia, inclusive times de futebol. Qualquer dia destes teremos aqui o Dínamo, como temos agora os bailarinos do Teatro Bolshoi e tivemos três pianistas e um time de bola-ao-cesto. Enfim: embora em pequena medida, temos com a Rússia, na prática, relações esportivas e culturais. Por que diabo não poderemos também ter relações diplomáticas e principalmente comerciais?

Eu já disse que não sou dos que acreditam que o comércio com a Rússia e a China comunista e alguns países do oriente europeu possa melhorar milagrosamente nossa conjuntura econômica. Esse comércio já funciona, e sempre funcionou de maneira indireta, e seu porte não é dos maiores. Esses países, entretanto, nos interessam como grandes mercados potenciais para alguns de nossos produtos. Embora não fôsse de prever, um grande intercâmbio imediato, a verdade é que entendimentos entre os governos poderiam ocasionalmente resolver a crise de algum produto nosso e ampliar também a área em que podemos procurar fornecimento do que carecemos.

Existe a alegação de que, comerciando com a Rússia, poderíamos aborrecer nossos clientes habituais — os americanos por exemplo. E' claro que para eles é muito cômoda a situação. Houvesse, entretanto, de nossa parte, uma determinação firme de estabelecer essas relações comerciais, e Washington poderia torcer o nariz, mas não ficaria com o nariz torcido muito tempo. Pelo contrário, passaria a ser mais atento às nossas pretensões, como é fácil de verificar pela sua conduta em outras partes do mundo.

As vezes chego a pensar que o amigo número 1 dos Estados Unidos aqui no Brasil é o Luís Carlos Prestes. O honrado capitão, com seu sectarismo e sua inabilidade levou a uma falência quase completa um partido que, em parte devido à legenda de seu nome, chegou a ter muitas centenas de milhares de votantes em nosso país. E como nos faz falta, um Partido Comunista forte! Com esse trunfo na mão o sr. José Maria de Alkmim poderia conseguir muito mais coisas em Washington. Acho que nosso governo deveria subvencionar internamente o Partido Comunista; cada cem cruzeiros gastos aqui poderiam valer cem dólares lá fora...

Vocês dirão que estou brincando. Estou, mas não muito. Os Estados Unidos nos desprezam porque somos para eles o mesmo que para um fazendeiro rico é um pobre colono que em caso de briga com outro fazendeiro ele tem na conta de capanga seguro e garantido. Ajudam-nos o suficiente para que possamos continuar a trabalhar para eles. Seus empréstimos são como vales de armazém, que só servem para comprar ali mesmo, pelo preço que eles marcaram.

Essa política de «bom moço» precisa acabar e ser substituída por algo mais realista e mais viril. O primeiro passo nesse sentido é restabelecer relações com a Rússia e com os outros países «proibidos». Se não, o fazemos, a culpa não é certamente dos americanos, mas de nossa própria palermice.